O COMUNISMO EM 1965

ESTANISLAU FISCHLOWITZ

O autor compareceu, como convidado único de país latino-americano, à conferência realizada em outubro do ano passado em Palo Alto, na Califórnia, por iniciativa da Instituição Hoover sôbre Guerra, Revolução e Paz, a fim de estudar aspectos pragmáticos e doutrinários do Comunismo, dentro da perspectiva histórica que já se nos oferece para essa avaliação. Pode trazer, assim, um testemunho autorizado e objetivo das conclusões a que se chegou naquela reunião, de que participaram ilustres especialistas, quanto à influência do pensamento marxista, em suas vitórias e malogros, sôbre as realidades políticas, econômicas e sociais do mundo moderno. Um ponto deve ser ressaltado, desde logo: o crescente divórcio entre os fundamentos ideológicos do Comunismo — também êles inaceitáveis, dentro de uma concepção cristã dos destinos do homem — e as clamorosas distorções anti-sociais com que o Estado totalitário comunista, opressor das liberdades essenciais, comprova quanto eram falsas e utópicas as esperanças dos que chegaram a fazer do Marxismo-Leninismo um ideal de vida.

É UM êrro flagrante, cometido entre nós com demasiada freqüência, apreciar o Comunismo atual sob o prisma das idéias do Manifesto Comunista de 1848, dos princípios da primeira Internacional, constituída, em Londres, no St. Martin's Hall, em 28 de setembro de 1864, e da doutrina formulada em obras de MARX e ENGELS, ou, até, dos

principais epígonos russos dêsses dois intelectuais alemães: LENIN e STALIN.

Tal interpretação do Comunismo, unilateral e, evidentemente, obsoleta, cria um quadro distorcido da realidade contemporânea, afastado do dinamismo dêsse submundo, peculiar dos 117 anos de sua história. Sobretudo nos últimos anos e meses, a evolução tanto da sovietocracia quanto, indiretamente, da doutrina que lhe serve de base adquiriu grau de intensidade febril, ignorado no passado: nova onda de Revisionismo e Dogmatismo, várias e graves crises internas e, particularmente, o surto de Policentrismo. Todos êsses fatôres obrigam-nos a proceder à revisão, constante e flexível, de todos os nossos conceitos tradicionais, firmados nesse particular.

Nessas condições, a defesa do mundo livre contra a ofensiva comunista toma, fatalmente, formas contraprodutcentes enquanto, dirigida contra a estratégia e tática dêsse movimento, de ontem, e mesmo, de anteontem, e não contra a agressão ideológica, partidária e política, dos centros do mundo comunista, de hoje. No momento, êsse mundo perfaz quatorze países nos três Continentes, com população igual a um têrço da humanidade, porém, com probabilidade de extensão ainda maior da sua órbita no Oriente, na Ásia e na África. A ação dos centros atuais do Comunismo mundial segue diretrizes novas, embora, decerto, ainda muito mais perigosas, em confronto com a agressão do Marxismo-Leninismo das primeiras quatro décadas, consecutivas ao golpe revolucionário de 7 de novembro de 1917, visando, aliás, sempre e incondicionalmente, ao mesmo objetivo: a conquista integral do nosso planêta.

O referido divórcio entre a ação de defensiva ou contra-ofensiva das sociedades livres, de democracia, e os alvos específicos para os quais está orientada faz com que apareçam no seu âmbito, fatalmente, freqüentes malogros, os quais atingem seu auge nos imperdoáveis fracassos, que aparecem no balanço, sobremodo fraco e precário, das atividades anticomunistas no Brasil, ressalvada, como é natural, a reviravolta ocorrida em 31 de março de 1964.

Infelizmente, faltam-nos, na política interna e internacional, conhecimentos aprimorados acêrca da essência do

Comunismo contemporâneo, o que justifica a próxima criação, em São Paulo, do Instituto Científico, a ser dedicado a tais estudos, e integrado nos moldes de umas cinqüenta entidades dêsse gênero, existentes, há muito tempo, em vários países do mundo livre.

Ponto-de-partida extremamente interessante para tal reexame, aprofundado e atualizado, do nosso acervo de sovietologia, proporcionam-nos os trabalhos da Conferência, organizada, entre 5 e 7 de outubro de 1964, em Palo Alto (Califórnia), por ocasião de centenário de "Internacionais Revolucionárias", pela famosa Instituição Hoover sôbre Guerra, Revolução e Paz da Universidade de Stanford, [1] com co-participação de maiores vultos dessa disciplina, como sejam, por exemplo, RAYMOND, APRON, *Sir* ISAIAH BERLIN, GOTTFRIED HABERLER, BERTRAM D. WOLFE, MERLE FAINSOD, PE. JOSEPH M. BOCHENSKI, RICHARD LOWENTHAL, Z. BRZEZINSKI, R. SWORAKOWSKI e mais uns duzentos autores e professôres universitários, com conhecimentos altamente especializados em assuntos de Comunismo.

Tendo tomado parte ativa, como único convidado especial latino-americano, nos debates dessa Conferência, sobretudo na discussão em tôrno da questão momentosa de impacto, exercido sôbre a América Latina, pela corrente fidelcastrista, propomo-nos a passar revista aos principais subsídios doutrinários da reunião de Palo Alto, com tôda ênfase deslocada para as ramificações do Comunismo em 1965, de interêsse direto do Brasil. A seguir passemos à análise sintética dos últimos acontecimentos no Kremlim, apreciados no Brasil, via-de-regra, de modo visìvelmente falso e equivocado, e, enfim, examinar o balanço retrospectivo das realizações do bloco soviético, no período de quase 48 anos que nos separam do golpe revolucionário de LENIN.

II

De início, cumpre tornar bem patentes as dificuldades que nos oferece a avaliação criteriosa do Comunismo, limi-

[1] Essa conferência encontrou contrapartida no Seminário realizado por ocasião do mesmo centenário, por iniciativa da *Revista Mundial de Marxismo*, em Berlim (oriental) entre 25 e 29 de setembro de 1964.

tada apenas ao cômputo do poder, da solidez e da coesão das entidades internacionais político-partidárias dêsse movimento. Acontece, com efeito, que, desde os tempos mais remotos até a presente data, tôdas as "Internacionais" dêsse gênero apresentavam fraqueza, bem distante da forte influência exercida pelo Comunismo sôbre a mentalidade e o comportamento não sòmente das classes proletárias e das demais camadas populares, como também do meio intelectual, ocidental e oriental.

De acôrdo com a observação, aliás sujeita à interpretação controvertida, de RAYMOND AHRON, quase todos os intelectuais do mundo livre se tornaram, em certo sentido, marxistas. Em consonância com os raciocínios dêsse pensador, existiria uma língua comum marxista, sendo que apenas o idioma soviético destacaria, ainda, a luta de classes, ao passo que as variantes ocidentais deslocariam o centro de gravidade para o desenvolvimento econômico.

Pois bem, mesmo assim, dificilmente pode passar despercebida a debilidade organizacional de tôdas as Internacionais, atribuível, segundo LEWIS FEUER, aos obstáculos desagregadores de nacionalismo.

Isto se refere, indistintamente, à primeira, incipiente e efêmera Internacional Operária de 1864, à segunda, de cunho socialista (1889-1914), que não sobreviveu aos golpes desfechados pela primeira guerra mundial, à terceira, de índole comunista (Komintern, compreendida no período entre 1917 e 1943, com sua prolongação, aliás, muito mais inexpressiva, na Kominform, criada em 1947 e liquidada em 1956) e, enfim, a inepta tentativa trotzkista no sentido de criar a quarta. No momento, enquanto continuam, ininterruptamente, os esforços dedicados à consolidação do movimento supranacional, conforme as reivindições programáticas do socialismo democrático, e dificilmente se poderia negar alguns resultados positivos, pelo menos em têrmos quantitativos, da organização sindical mundial, subordinada à ideologia comunista e à doutrina da ala radical do campo socialista (W. F. T. U.), existe vácuo total no que diz respeito à união internacional das fôrças político-partidárias comunistas. Êsse fator reflete, sem dúvida al-

guma, as fortes e crescentes discrepâncias que passam a polarizar êsse mundo, acabando, para sempre, com o mito de seu suposto caráter monolítico. Evidentemente, a organização esporádica de congressos, dos quais nem sempre participam todos os principais 81 partidos comunistas, dêste e daquele lado das Cortinas de Ferro e de Bambu, não podem preencher essa flagrante lacuna.

III

No retrospecto histórico do Comunismo apresentam apenas interêsse acadêmico várias correntes, aliás, doutrinàriamente originais e interessantes, como sejam por exemplo, Anarquismo, Trotzkismo e Bukharinismo, magistralmente expostas em Palo Alto por MAX NOMAD e MAX SHACHTMAN, as quais, porém, qualquer que fôsse seu valor intrínseco, pouca influência exercem sôbre as atitudes pragmáticas da parcela da humanidade enquadrada nas fronteiras políticas ou espirituais do mundo comunista de 1965.

O que, muito pelo contrário, tem que concentrar em si a nossa atenção precípua, são as tendências modernas rumo ao desdobramento, cada vez mais pluralista, do Comunismo mundial, relacionadas muito menos com o cisma, já ultrapassado, titoísta e com os demais separatismos europeus, de relevância secundária, do que com o recente surto na Ásia do Maoísmo, acompanhado, de certo modo, do último aparecimento na América do Castrismo.

O fato de a revolta antikruchtchevista, ocorrida em Moscou em 13 de outubro de 1964, não ter levado, contràriamente a expectativas bastante comuns, à reaproximação entre os centros europeu e asiático do Comunismo, evidencia, por si só, a origem profundamente arraigada dos contrastes entre um e outro.

Não existe, é verdade, unanimidade na exegese teórica dessa grave pendência, que passa a relegar a lugar secundário todos os demais aspectos controversos da órbita comunista.

Em busca da principal fôrça-motriz, geradora da eclosão do conflito russo-chinês, o historiador inglês LEONARD

SCHAPIRO atribui papel preponderante à violenta e indiscriminada reação emocional antiocidental da maior potência asiática. RICHARD LOWENTHAL, professor da Universidade Livre de Berlim, que, diga-se de passagem, conquistou na Conferência da Instituição Hoover posição de prestígio ímpar, destacou, por sua vez, como raiz primordial dessa hostilidade, o natural conflito de interêsses entre o país altamente industrializado e o subindustrializado. Pequim precisa, segundo aquêle estudioso alemão, da atmosfera de luta implacável para manter-se no poder e levar adiante os processos de progresso econômico.

A ideologia de MAO TSE-TUNG teria, assim, satisfeito determinadas necessidades funcionais, próprias do período inicial de industrialização. Por seu turno, de acôrdo com o pensamento de PETER S. H. TANG, diretor do Instituto de Pesquisas sôbre o Bloco Sino-Soviético de Boston, a orientação anti-revisionista do Comunismo amarelo teria, nos dezesseis anos a contar da Revolução Chinesa, fundo preponderantemente filosófico, diametralmente oposta, como está, a todos os desvios "oportunistas" da ortodoxa linha combativa do Marxismo-Leninismo, emprestando importância fundamental a movimentos beligerantes de "libertação nacional", de cunho anticolonial e antiimperialista na Ásia, África e América Latina, portanto, com posição frontal de oposição à coexistência pacífica preconizada por KRUCHTCHEV.

Tôdas essas três teses contêm, sem dúvida alguma, subsídios valiosos para a melhor compreensão da Revolução Comunista asiática e de suas divergências com a européia. Por outro lado, parecem conter claros, no tocante, por um lado, à interpretação das consideráveis diferenças econômicas entre o comunismo integral chinês (comunas agro-industriais) e o coletivismo russo: socialização do setor secundário, porém com solução bifurcada, e, em última análise, alheia ao socialismo rural, na organização do agro (Kolkhoz e Sovkhoz). E, por outra parte, no que diz respeito à explicação dos firmes fundamentos geopolíticos, políticos, étnicos e, até raciais, da permanente rivalidade entre a U.R.S.S., mais bem a Rússia, e a China, quer "Popular",

quer não, rivalidade essa extensiva, mesmo, a agudos conflitos fronteiriços. Êsse segundo e relevante aspecto da questão prende-se ao mecanismo de *Machtpolitik*, puro e simples, o qual, desmentindo-se as previsões otimistas da KARL MARX, não deixa de determinar as condições da simbiose internacional dentro da família mundial comunista.

Quanto à análise da figura de FIDEL CASTRO, fizeram-se notar algumas diferenças entre a opinião formulada pelo próprio relator do tema, THEODORE DRAPER, autor de várias monografias sôbre o Comunismo cubano, e HERMINIO PORTELL-VILLA, professor da Universidade de Havana, ora exilado nos EE.UU. Ao passo que aquêle não encontra qualquer comprovação objetiva da filiação do "Jefe Máximo" ao Comunismo, no período anterior a 1960, e isto a despeito de reiterados depoimentos pessoais em contrário de FIDEL CASTRO, divulgados entre 1961 e 1964, êste acredita religiosamente em tais antecedentes ideológicos de FIDEL CASTRO, baseando-se em impressões subjetivas de convívio universitário com êsse seu ex-aluno. Francamente, essa dúvida, meramente histórica, não se reveste, a nosso modo de ver, de maior importância. Cumpre, porém, realçar o ponto-de-vista de DRAPER a respeito da pavorosa exiguidade doutrinária da corrente fidelcastrista, ponto-de-vista êsse que se firmou nos debates de Palo Alto com bastante clareza.

Faltaram quaisquer diretrizes ideológicas inequívocas na definição do programa do "Movimento de 26 de Julho". A rigor, FIDEL CASTRO procurou, em tôrno de 1950, dar maior relêvo ao Humanismo, supostamente terceiro caminho entre o Capitalismo e o Comunismo, abandonando, todavia, logo mais, essa corrente, segundo DRAPER, "tìpicamente carecedora de originalidade e de duração muito limitada". Quanto à posição que essa subcorrente ocupa na luta aberta entre Pequim e Moscou, FIDEL CASTRO oscila hàbilmente entre êsses dois pólos opostos, sendo que, porém, a sua estratégia combativa se enquadra muito mais no âmbito de Maoísmo.

Na realidade, a única contribuição do ditador de Havana para o acervo da tática comunista foi a ênfase dada

por êle à guerrilha, como "teoria da revolução latino-americana", aliás, com resultados muito distantes das metas do centro caraibano da revolução social. O que distingue o Castrismo das demais tendências do comunismo não é, de acôrdo com as observações acertadas de DRAPER, senão "a sua liderança, a sua história, a sua zona geográfica de influência, a sua língua e seu caminho ao poder".

O que faltou na apreciação do Castrismo, dentro dos relatórios oficiais, apresentados à Conferência, foi o amplo contexto do panorama latino-americano, encarado sob duplo prisma, o da origem da revolução cubana e o da influência que exerceu e continua exercendo sôbre as dezenove repúblicas do Hemisfério Ocidental. Num subsídio dedicado a essa matéria, procuramos, pois, delinear, por um lado, os principais traços característicos do turbulento cenário latino-americano, e, por outro lado, focalizar as causas do malôgro da ofensiva cubana, desencadeada contra o Continente americano, destacando-se, sobretudo, a incompatibilidade orgânica da revolução social no seu sentido clássico, planejada por FIDEL CASTRO, com as condições objetivas do mundo atual.

IV

Como é natural, a Conferência, de índole científica, não pôde aprovar quaisquer resoluções, capazes de refletir o pensamento de seus participantes, o qual, aliás, apresentava uma gama bem ampla de opiniões vinculadas à respectiva filiação ideológica ou especialização científica.

Entretanto, é lícito salientar algumas conclusões que parecem ter constituído o denominador comum da discussão dessa matéria em Palo Alto.

Resumindo tais pontos, cumpre ressaltar, sobretudo, a opinião resumida a seguir.

a) Moderado e realista otimismo, sobretudo da "ala liberal" da Conferência, no tocante às futuras tendências evolutivas na área européia da sovietocracia, baseado, particularmente, tanto na indisfarçável erosão dos dogmas ideológicos marxistas-leninistas na U.R.S.S., realçada por

DANIEL BELL, quanto nas alterações que se operam, na estrutura social da União Soviética. O progresso industrial daquele país, teve, com efeito, ao surto da poderosa classe média, tecnocrata e gerencial, tão bem definida em obras de MILOVAN OJILAS, a qual exerce pressão, cada vez maior, sôbre a redistribuição, em seu proveito, da renda nacional e, simultâneamente, sôbre o afastamento da ditadura do proletariado, a ser, paulatinamente, substituída por determinadas, embora ainda bem relativas e duvidosas, fórmulas de "democracia socialista". Enfim, por causa de novos e promissores sintomas de revisionismo rebelde, observados, com muita razão, por BERTRAM WOLFE, grande escritor ex-comunista, na mentalidade das classes intelectuais e da mocidade em todos os países comunistas do Velho Mundo, inclusive nos países-satélites, de acôrdo com as impressões que se ofereceram a respeito ao Professor Padre BOCHENSKI.

b) Probabilidades de retôrno dos partidos comunistas do mundo ocidental aos princípios de socialismo democrático, justificado de modo convincente pelo Professor RICHARD LOWENTHAL, em virtude (a) do inconteste insucesso da ofensiva revolucionária, (b) do desaparecimento do centro mundial único do Comunismo e (c) da superação na filosofia moderna dos conceitos rígidos da "religião secular" de Marxismo. Resta apenas saber se tal desenvolvimento benéfico determinará também as atitudes dos partidos comunistas latino-americanos, o que, no futuro próximo, nos parece, pelo menos, pouco provável.

c) Enfim, na Conferência firmou-se opinião absolutamente unânime a respeito dos contrastes insuperáveis entre o comunismo russo e chinês, sem maior margem para a solução harmônica das graves divergências que surgiram nas suas relações mútuas.

V

O vitorioso golpe de BREJNEV e KOSYGIN, genuínos porta-vozes da nova geração gerencial, ocorreu poucos dias depois do término da Conferência; por conseguinte, não

pôde ser apreciado por seus participantes. Contudo, à luz da troca de idéias com alguns dos nossos confrades sovietólogos e, ainda, com alguns eminentes intelectuais da órbita comunista, podemos formular algumas considerações a respeito dêsse relevante acontecimento.

Quer-nos parecer metodològicamente acertado pôr em relêvo, de início, o que tal alteração *não é*.

Com efeito, não é (a) simples mudança da cúpula dirigente, ministerial ou partidária da sovietocracia; (b) reviravolta no sentido belicista da linha de "coexistência pacífica", vinculada à política de KRUCHTCHEV; (c) ressurgimento das diretrizes stalinistas; nem (d) capitulação do centro europeu moscovista do comunismo em face da ascensão da nova potência asiática, vermelho-amarela.

É algo nìtidamente diferente daquilo tudo.

A queda do astuto camponês ucraniano NIKITA KRUCHTCHEV não deve ser simplificada demais, apontando-se apenas um fator causante dessa importante, porém não imprevista, "mudança da guarda" no Kremlim. Teve inúmeros motivos, diretos e remotos, de ordem interna e externa, de índole política e econômica e, mesmo, meramente pessoal, até personalíssima.

Não se deve, em nosso modo de ver, atribuir importância excessiva aos inegáveis fracassos do agro russo, que constituem, sempre e ininterruptamente, o calcanhar de Aquiles da economia soviética.

Seria, a nosso ver, simplificação intolerável responsabilizar os transtornos na produção e distribuição dos bens de consumo pelo repentino afastamento das rédeas do poder do último ditador da U.R.S.S., depois da quase década de sua liderança, uma vez que ninguém tem mais a menor ilusão, ali, de que se possa equacionar o que constitui, afinal de contas, verdadeira quadratura do círculo . . .

Se é lícito apontar, no diagnóstico da demissão de KRUCHTCHEV, o fator preponderante do enfraquecimento de sua posição, seria, antes, a desagregação total do bloco comunista, conseqüência fatal da estratégia excessivamente agressiva, dêle em relação a MAO TSE-TUNG.

Isso, porém, não quer dizer, ainda, que possamos razoàvelmente esperar o restabelecimento da unidade do mundo comunista.

O crescente distanciamento entre Moscou e Pequim descansa, como procuramos demonstrar acima, em fundamentos tão firmes que nos parece fora de qualquer cogitação a construção da ponte sólida acima dêsse abismo.

Não se pode imaginar a política internacional comunista solidária e coesa, capaz de entrosar o imperialismo beligerante da China, que perigosamente paira sôbre o Extremo Oriente e a Ásia tôda, com a linha de coexistência pacífica da U.R.S.S., cuja manutenção, evidentemente, não exclui a adoção da linha mais dura pela política estrangeira do Narkomindiel, sobretudo nas frentes asiática e africana da ofensiva comunista.

Não acreditamos em qualquer retrocesso drástico das diretrizes da política estrangeira do Kremlim, iniciadas pelo atual inquilino do modesto apartamento da rua Granovski, 3, na capital da U.R.S.S.

Tal política não foi apenas fruto da especulação individual e abstrata de KRUCHTCHEV, mas sim, da necessidade fatal, imposta pelos interêsses vitais daquele maior país do mundo, no período atual de seu paulatino amadurecimento econômico-social, sujeito, porém, a tôda uma série de dificuldades internas e externas.

Não é, pois, sem razão que ROBERT CONQUEST, esposando as teses de Pequim, procura identificar a fase atual do regime soviético com o "Kruchtchevismo sem KRUCHTCHEV".

Contudo, a rivalidade entre Moscou e Pequim pode contribuir para radicalizar as atitudes da U.R.S.S., receosa de perder o prestígio não sòmente no meio comunista, como também na órbita do "Terceiro Mundo".

Por outro lado, tudo o que está ocorrendo no mundo comunista deverá levar, com certeza quase axiomática, à emancipação dos países europeus de "democracia popular" de sua excessiva subordinação ao Kremlim.

Seja como fôr, nada justificaria a diminuição da nossa vigilância em face da nova fase da ofensiva subversiva con-

tra a América Latina e, particularmente, o Brasil, orientada, simultâneamente, por Moscou, Pequim e Havana.[2]

VI

No momento em que se aproxima o meio século do comunismo ("realização", e não "doutrina"), não nos parece prematura a tentativa no sentido de fazer o balanço global dos resultados das soluções nêle inspiradas.

O estancamento total do pensamento marxista, visìvelmente incapaz de interpretar os novos fenômenos políticos e econômico-sociais da época contemporânea e o colapso integral do idealismo social-revolucionário de outrora, torna ainda mais necessária uma reavaliação criteriosa das conquistas pragmáticas do Mundo Comunista, com atenção prestada tanto às suas luzes, raras luzes, quanto às sombras, freqüentes sombras.

Não adiantaria, com efeito, pintar êsse quadro ùnicamente com recurso à côr preta ou branca.

Assim, embora a socialização do setor secundário da economia, aliás, recém-reorientada, dentro da conceituação libermanista, rumo aos moldes capitalistas, tivesse, dada a mobilização pelo Estado totalitário das fôrças produtoras, possibilitando a consecução, em ampla escala, de metas de industrialização, a mesma fórmula organizacional, aplicada à economia agropecuária, acabou com a queda espantosa de rendimento da agricultura russa.

Do lado positivo do balanço, é mister realçar também o único subsídio salutar da sovietocracia para o acervo da moderna política econômica, invenção essa relacionada com o planejamento plurianual dos processos desenvolvimentistas.

[2] A opinião acima formulada não diverge substancialmente da interpretação dêsse acontecimento, consubstanciada em dois estudos: *The Fall of Krushchev* (de dezembro de 1964) e o trabalho coletivo, sob o mesmo título, de autoria de SEWERYN BIALER, ZBIGNIEW BRZEZINSKI e RICHARD LOWENTHAL, publicado pelo Research Institute on Communist Affairs da Universidade de Columbia, estudos êsses que acabamos de receber depois de redigir o presente artigo. Vale a pena realçar a definição acertada da queda de KRUCHTCHEV por BRZEZINSKI como "victory of the clerks".

É justo reconhecê-lo a despeito dos evidentes e, mesmo, cada vez mais flagrantes, defeitos de planos de cinco e sete anos, acompanhados de êxitos incontestes da planificação democrática na órbita do mundo livre.

Dificilmente se poderia também negar o fato de a U.R.S.S. destinar à valorização educacional dos recursos humanos nada menos de, aproximadamente, 7.7% da renda nacional, elevada parcela essa que não encontra paralelos alhures, apesar de seu uso específico, que nem sempre pode ser apreciado de modo incondicionalmente lisonjeiro. Tais providências contribuem, todavia, incontestàvelmente, para a erradicação do analfabetismo em têrmos que seria ocioso tentar menosprezar.

Ao lado da expansão impressionante da tecnologia e de ciências aplicadas, a educação, difundida de modo extraordinàriamente amplo, condiciona o progresso econômico daquele rico país, cujo ritmo de aumento manifesta, porém, ùltimamente, coeficientes pouco animadores.

Eis, em última análise, tudo o que nos oferece o saldo de quase quarenta e oito anos do Comunismo vitorioso, saldo êsse apreciado no espírito de absoluta isenção científica.

Vejamos, por seu turno, "o anverso da medalha", que, infelizmente, não conseguimos apurar em Palo Alto de maneira suficientemente clara e inequívoca, em virtude da dolorosa falta entre nós de economistas e sociólogos, com conhecimentos bastante aprofundados nesse particular, com prevalência paradoxal de "ideólogos" e "filósofos", e isto apesar da tese esposada pela maioria dos congressistas a respeito da fase atual do Comunismo, divorciada de quaisquer fundamentos doutrinários da sua fase pioneira.

Os princípios redistributivos da economia repartitiva soviética desmentem fragorosamente tôdas as expectativas otimistas de MARX, LENIN, STALIN e KRUCHTCHEV.

Os níveis de bem-estar social do proletariado russo continuam baixos, baixíssimos mesmo, refletindo desajustamentos trágicos no setor de habitação popular, porém extremamente fortes também quanto ao vestuário, à alimentação e a tôdas às demais necessidades elementares de consumo.

A situação nessa matéria não melhora, mas, sim, piora com o tempo. Na divisão do "fundo de salários" manifestam-se distorções anti-sociais, desconhecidas até nos países de mais clássica e rígida economia de livre emprêsa, com surto da privilegiada, parasitária e voraz classe média e alta, gerencial e burocrática. Tal imprevisto fenômeno encontra contrapartida no afundamento das classes populares, oprimidas de modo impiedoso naquela "Pátria do Proletariado". Em outras palavras, não terminou ali de modo algum "a exploração do homem pelo homem", sem que tivesse sido amenizada pela legislação trabalhista e social, de primitivismo e rudimentarismo desprovidos de quaisquer precedentes no mundo inteiro, e que não reserva papel algum ao autogovêrno operário nem ao genuíno sindicalismo. Contràriamente aos princípios altissonantes consagrados na Constituição de 1936, e corroborados nos três programas do Partido Comunista da União Soviética, inclusive no último, de 1961, não existe ali nada que possa comprovar a existência da liberdade, liberdade de palavra, de reunião, de pensamento, de religião, de exercício de trabalho ou de qualquer outra.

O grosseiro materialismo do Comunismo toma fatalmente formas ofensivas de ateísmo que descamba no virulento antiteísmo; não se pode observar ali quaisquer fatos precursores da liberalização da atitude, nesse particular, dos meios governamentais da Rússia e dos demais países comunistas. O nôvo *slogan* de "democracia socialista" não passa de mentira semântica. Não encontra cobertura em quaisquer realizações constitucionais, capazes de destronizar a Ditadura do Proletariado, na realidade, ditadura do Partido Comunista (com apenas 10 milhões, de membros) e, mesmo, ditadura onipotente, exercida pela pequena cúpula dirigente dêsse organismo monopartidário, integrada por um grupo numèricamente insignificante. A propalada nova moral é um mito revoltante, que não pode disfarçar o jôgo de desenfreada e inescrupulosa luta pelo poder e pelo maior quinhão de bens.

A simbiose antagonística de *homines sovietici* carece de quaisquer, sequer comezinhos, vestígios de solidariedade

e fraternidade humana que devia resultar espontâneamente da criação da coletividade socialista. Eis, a nosso ver, o mais trágico aspecto da falência da grande utopia comunista. De vez em quando diminui, temporàriamente, o regime opressivo, como aconteceu no último qüinqüênio, mas sem reconhecimento de quaisquer direitos elementares de homem, de cidadão e de trabalhador. Tal sistema provoca crescente descontentamento da classe trabalhadora e da intelectual, sobretudo da nova geração pós-revolucionária, sentimento êsse que, todavia, não se pode descarregar, nas condições de totalitarismo policialesco, em quaisquer movimentos de protesto e revolta.

Enfim, não nos iludamos! Não existe e não pode existir uma reaproximação real do Oriente com o Ocidente. Está fora de qualquer cogitação, a não ser, talvez, mediante retôrno do mundo comunista, na primeira etapa de evolução, a verdadeiros ideais de socialismo democrático, humanitário e antitotalitário, cujas diretrizes evoluíram no Oriente europeu para a atual solução caricaturesca. Ora, tal retôrno, como já referimos acima, pode delinear-se no seio de alguns agrupamentos comunistas do mundo livre; nada, porém, leva a crer que possamos assistir, no futuro próximo, à penetração dessa reviravolta ideológica atrás da Cortina de Ferro.

Pode existir armistício nas relações mútuas entre êsses dois submundos, porém nunca verdadeira paz, uma vez que o Comunismo não pode, em hipótese alguma, renunciar a conquista dêste planêta.

A palavra de ordem de suposto "Terceiro Mundo" é algo artificial, fictício e irreal, que não apresenta nada fora da vaga e imprecisa imaginação no cérebro de alguns idealizadores dessa abstrata fórmula de conciliação entre regimes e ideologias, irreconciliáveis por tôda a sua natureza.

Como em 1917, também em 1965 temos que optar, decidida e corajosamente, entre o comunismo e a democracia, a qual encontra a sua melhor expressão na ideologia de solidarismo cristão.

Porque, simplesmente, *tertium nom datur* . . .

Não pode haver dúvida alguma: nessa luta, luta de vida e morte, venceremos, a longo prazo, nós — e não êles. Fica, desde já, patenteada, com clarividência que nada deixa a desejar, a falência da panacéia comunista. Cumpre apenas comprová-la com todos os meios a nosso alcance, mediante ênfase deslocada para o estudo, cientìficamente impecável, da vida real no mundo comunista. Só assim será possível retificar a falsa imagem eufórica do funcionamento dêsse desastroso sistema, que ainda atrai tantos indivíduos de boa vontade, sobretudo dentro da nova geração, todos êles em busca febril e, em última análise, legítima de ideais abstratos de justiça social. Empolgados pelos princípios teóricos de comunismo, aliás, mal interpretados, ignoram tudo o que resultou da sua aplicação; assim p. ex. a nossa mocidade universitária fica incompreensìvelmente à margem de duas grandes centrais latino-americanas acadêmicas (JUDRAL e JUDCA), recém-constituídas sob o lema de combate ao comunismo, à ditadura, à reação e aos vícios de capitalismo e em prol da democracia social, sendo que a segunda dessas duas organizações está plenamente integrada na filosofia de humanismo cristão.

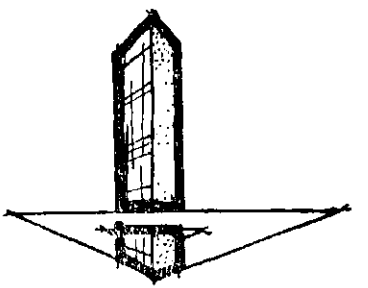
É bem possível que nas próximas décadas presenciemos o retrocesso da maré comunista, inclusive, quiçá, a revisão total dos moldes de economia coletivista na Europa e Ásia. A verossímil ampliação transitória da área comunista no Extremo Oriente em 1965 e 1966, resultado de vários erros acumulados da diplomacia "ocidental", não deve justificar qualquer derrotismo nem desânimo. O que mudará os destinos da humanidade não será o transcurso de tal ou qual batalha, mas, sim, da grande guerra, fria, quente ou morna.

Contudo, que ninguém se iluda! As perseguições, as meras medidas repressivas de índole policialesca carecem de maior expressão, mesmo no difícil e nevrálgico período de emergência pós-revolucionária que atualmente atravessamos no Brasil.

O único caminho rumo ao verdadeiro fortalecimento da democracia é o que nos proporcionam os ensinamentos eternos de catolicismo, admiràvelmente reformulados nas

últimas Encíclicas, e interpretados à luz das modernas conquistas da política econômica, planejada e reorientada no sentido social, assim como afastada das idéias obsoletas de manchesterismo ultraliberal do século passado.

JOÃO FORTES
ENGENHARIA SA



CONSTRUÇÕES * INCORPORAÇÕES * ADMINISTRAÇÕES
RUA MEXICO 21 GRUPO 202 TELS. 22 22 15 - 32 39 29